

# três vezes 22: o que nos resta?

Ao longo de 2022, não foram poucas as reflexões sobre qual país seríamos. Em um ano pontuado por fraturas sociais e eleições tensionadas até o limite, com ameaças de golpe da extrema-direita e o resultado mais apertado desde a redemocratização do Brasil, duas efemérides contribuíram para um debate contínuo sobre questões de identidade nacional: o bicentenário da Independência e o centenário da Semana de 22, dois eventos que marcaram nossa cultura.

Afinal, é possível dizer quais Brasis somos nós? A fim de dialogar com essa pergunta no âmbito dos estudos literários, a Opiniões organizou, no seu vigésimo primeiro volume, uma coletânea de textos que busca refletir sobre as ressonâncias da Independência e da Semana de Arte Moderna nas preocupações estéticas e ideológicas da literatura brasileira. Nossa intenção foi, desde o início, abrir o espaço para discussões sobre a ideia de identidade nacional de nação, diferenças entre escrita local e universal, relações entre o popular e o erudito, bem como os tipos de representações em uma sociedade multifacetada racial e culturalmente, entre outros assuntos caros a quem pensa o país por meio de suas figurações artísticas.

Com todos esses tópicos contemplados em maior ou menor grau, nossa seção Dossiê reúne quatro trabalhos de suma importância. No artigo que abre a revista, Gabriela Lopes de Azevedo analisa e discute as acusações de que os escritores das primeiras décadas do século XX não eram verdadeiramente modernos. Apoiada em conceitos do escritor e filósofo Marshall Berman, a pesquisadora expõe que as contradições ajudam a compreender melhor o Modernismo brasileiro e busca, ao longo do texto, evitar o encerramento da discussão sobre a insuficiência do movimento. Ainda discutindo esse momento inicial do modernismo, Rafael Bonavina analisa os textos do crítico literário Alceu Amoroso Lima sobre *Macunaíma* para discutir o projeto literário da Igreja Católica. Para fundamentar seu trabalho, o pesquisador propõe compreender a chave de leitura de Amoroso Lima através das suas relações éticas e estéticas com o frei Pedro Sinzig.

Avançando historicamente no debate do modernismo, Jennifer Ianoff apresenta seu artigo "A (Des)construção do feminino em 'Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres'", em que a autora se centra no debate da identidade feminina e sua desconstrução na obra clariceana. Um pouco mais adiante, já no campo da contemporaneidade, Gabriela Broinizi Pereira Branco se debruça sobre a peça *Caranguejo Overdrive*, de Pedro Kosovski, para refletir sobre os modos como a nossa dramaturgia contemporânea investiga o Brasil de hoje. Segundo a pesquisadora, a história do Brasil se repete ininterruptamente a ponto de ser incorporada à própria forma do teatro nacional.

Já na seção Coletâneas, a Opiniões conta com o texto "O modernismo na historiografia literária", que discorre sobre a etimologia e o surgimento do termo moderno na crítica literária nacional, além de levantar dados dos mais recentes estudos da historiografia brasileira acerca das possibilidades do marco temporal que estabeleça o fim do modernismo. Resultado de um trabalho em conjunto das pesquisadoras Juliane de Sousa Elesbão, Lívia Penedo Jacob, e do professor titular

do Instituto de Letras da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e escritor Roberto Acízelo de Souza.

Esta seção se encerra com o ensaio da pesquisadora e professora Ivone Daré Rabello sobre *Marrom e Amarelo*, de Paulo Scott, um dos livros mais discutidos da literatura brasileira dos últimos anos. Convidada pelos organizadores deste dossiê a participar de um debate sobre identidade nacional, que ocorreu durante uma mesa de apresentações no VIII Seminário do PPGLB, ocorrido em junho, Ivone Daré Rabello foi elogiada pelo autor por sua aguda compreensão da obra. Por isso, optamos por convidá-la a escrever uma resenha sobre *Marrom e amarelo*, o que ela prontamente aceitou, e nos entregou o texto que analisa esse romance a partir das discussões contemporâneas da luta por integração das comunidades negras e ações governamentais de inclusão e mesmo de repressão dos movimentos sociais.

A edição traz ainda, na seção de Tema Livre, outro artigo sobre Clarice Lispector: "Encontros e desencontros com o desejo nos corredores da velhice: Leitura de 'A Procura de uma dignidade', de Clarice Lispector", em que Carla Casarin Leonardi apresenta uma interessante discussão sobre o desejo sexual na velhice a partir de uma perspectiva feminina, centrada na obra da escritora.

Também teve espaço o texto "Pluralidade de sentido no conto 'Famigerado' de João Guimarães Rosa", de Gustavo Henrique Brant Cordeiro. O artigo parte do conto presente nas *Primeiras estórias* para discutir a escrita rosiana como um procedimento de criação heteróclito, que potencializa os signos linguísticos e gera uma pluralidade de sentidos no texto.

Fechando a seção com chave de ouro, Arthur Lungov Bungelli faz um profundo estudo de intitulado "*Urubu-Rei: A Palavro experimental de Gramiro de Matos*". Nesse texto, o pesquisador analisa os processos formativos dos neologismos encontrados em *Urubu-Rei*, apresentando ao leitor diversas características que inserem a obra gramiriana na tradição da poesia experimental brasileira.

Em seguida, Amanda Angelozzi, Cláudia Ayumi Enabe e Fernando Borsato dos Santos dão prosseguimento à série de depoimentos que celebram os 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (PPGLB) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Nesta edição, estão com a palavra: Acauam Oliveira, egresso do PPGLB e professor da Universidade de Pernambuco; Caio Cesar Esteves de Souza, egresso do PPGLB e doutorando na Universidade de Harvard; Ligia Rivello Baranda Kimori, egressa do PPGLB e do IEB e pesquisadora independente; João Roberto Gomes de Faria, professor titular do PPGLB; Noemi Jaffe, egressa do PPGLB, escritora e professora; e Yudith Rosenbaum, professora do PPGLB.

Por fim, o tema da identidade também perpassa os textos de Criação Literária. A autora Paulliny Tort escreve um conto sobre as descobertas e os mistérios da vida em uma universidade; Daniel Francooy explora as relações e os pactos silenciosos entre vizinhos em uma Ribeirão Preto marcada pela crescente hostilidade; Lucas Verzola narra a história trágica de uma criança em um país paralisado em sua pulsão de morte; e André Capilé publica dois poemas, que misturam lirismo e violência no ritmo de batuques.

Além dos textos, a Opiniões contou com as telas do artista plástico André Ricardo para a capa e para as aberturas de cada seção. Nascido em 1985, formado em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da USP (Universidade de São Paulo), André Ricardo participou, neste ano de 2022, do 37<sup>a</sup> Panorama da Arte

Brasileira no MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo) / *Sob as cinzas, brasa*, e já realizou diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e em outros países como, entre outros, Portugal e Espanha. Enquanto a presente edição se desenvolvia, ele foi artista residente do programa RU (Residency Unlimited) e ficou sediado no Brooklyn, em Nova York, Estados Unidos.



André Ricardo. *Divulgação*. Crédito da foto: Everton Ballardin.

Nas palavras do crítico Tadeu Chiarelli, professor sênior do Curso de Artes Visuais da USP e autor de *Arte popular brasileira: Olhares contemporâneos*, a obra de André Ricardo possui a necessidade de diálogo entre uma “tradição construtiva” e a realidade brasileira atual. Isso porque foi a partir de suas viagens cotidianas “entre as bordas sul de São Paulo e a USP, na zona oeste da cidade” que André Ricardo desenvolveu o plano, a linha e a cor de sua produção.

Vivida a infância e adolescência nos bairros do Grajaú e do Campo Limpo, trabalhando durante alguns meses, aos 11 anos, em uma loja de material de construção, André Ricardo encarna, pelo uso da técnica de têmpera a ovo de Alfredo Volpi e de Eleonore Koch, uma tradição do cânone da pintura brasileira somada ao olhar sem intermediações de um artista que vem das franjas da cidade. Por meio de sua obra, o artista mira uma realidade objetiva e dura de um mundo que ecoa muito e muitos de nós mesmos. Sua pintura sintetiza, assim, um passado e um presente brasileiros, de modo a tensionar questões de nossas identidades nacionais ainda pulsantes e que chamam por serem resolvidas em nosso tempo.

Editores da Opiniões n. 21  
Bruna Coradini, Gabriela Broinizi, Guilherme Pavarin,  
João Paulo Bense, Rafael Bonavina